

Poder, género e imprensa – a abordagem qualitativa como metodologia

Power, gender and the press – a methodological approach through qualitative analysis

SARA VIDAL MAIA¹, MARIA MANUEL BAPTISTA² & MOISÉS DE LEMOS MARTINS³

Resumo

A investigação aqui proposta procura dar a conhecer o projeto de dissertação de doutoramento em Estudos Culturais, intitulada “Representações sociais e dinâmicas de poder nas relações de género em Ílhavo, na década de 1950”, apresentando a estrutura e o roteiro de decisões teórico-práticas que foram sendo realizadas ao longo da investigação. Neste texto serão discutidas questões relativas à resolução metodológica adotada para levantamento e análise dos discursos de e sobre mulheres recolhidos na imprensa local.

Palavras-chave: Estudos Culturais; estudos de género; estudos dos media; metodologia qualitativa; análise de conteúdo

Abstract

The proposed research seeks to poster the doctoral dissertation project in Cultural Studies entitled “Social representations and power dynamics in gender relations in Ílhavo, in the 1950s”, presenting its structure and the itinerary of theoretical and practical decisions that have been admitted. Preponderance will be given to the adopted methodological solution for the collection and analysis of discursive data contained in the local press.

Keywords: Cultural Studies; gender studies; media studies; qualitative methodology; content analysis

¹ Doutoranda em Estudos Culturais, UA/UM / saravmaia@ua.pt

² Universidade de Aveiro / mbaptista@ua.pt

³ CECS, Universidade do Minho / moiseslmartins@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A investigação em Estudos Culturais discute estratégias de modificação social, questões identitárias e relações de poder entre categorias socialmente determinadas como o género ou a etnia, bem como assuntos quotidianos e atuais, sobretudo os mediatizados. Deteta-se, ainda, nos Estudos Culturais, um esforço para analisar as mais variadas realidades sociais, de forma a produzir conhecimento que articule a análise da teorização com a das práticas e das produções humanas.

É com base nestes fundamentos que está em curso a dissertação de doutoramento em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro/ Universidade do Minho) intitulada “Representações sociais e dinâmicas de poder nas relações de género em Ílhavo, na década de 1950”¹, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no domínio das Ciências da Comunicação e Informação.

Esta investigação começa por procurar responder a uma questão central: *Era ou não Ílhavo (na década de 1950) representado socialmente, e em particular na imprensa local, como uma sociedade matriarcal?* O período escolhido representa o expoente da pesca do bacalhau, que obrigava a longos períodos de ausência masculina, que podiam ascender aos 12 meses. Esta ausência refletia-se na forte presença feminina em Ílhavo, por muitos considerada dominante em vários aspetos da vida social. Para que se possa responder a esta questão central, apresentam-se vários objetivos², cujo cumprimento implica a divisão do estudo em duas partes fundamentais, sendo a primeira a da teorização de conceitos-chave para a investigação e a segunda a do estudo empírico propriamente dito.

Assim sendo, apresenta-se como objetivo fundamental desta investigação: procurar discutir conceitos, definições e teorias que relacionam os estudos de género e as representações de poder nos Estudos Culturais. Os objetivos específicos desta investigação estão bipartidos de forma a abrangerem a parte teórica do estudo e a parte empírica. Neste sentido, com a revisão da literatura, procura-se cumprir cinco objetivos:

1. Reconhecer a importância dos estudos de género nos Estudos Culturais e o respetivo impacto na compreensão de algumas das dinâmicas da sociedade moderna e pós-moderna;
2. Afirmar a importância dos estudos dos meios de comunicação social nos Estudos Culturais;
3. Identificar e examinar as relações existentes entre os diversos conceitos de identidade cultural e as diferenças de género;
4. Compreender como as representações sociais determinam o género;
5. Reconhecer as principais dinâmicas existentes entre as diferenças de género e as afirmações de poder.

¹ Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Manuel Baptista (Universidade de Aveiro) e coorientada pelo Professor Doutor Moisés de Lemos Martins (Universidade do Minho).

² Estes objetivos foram estabelecidos a priori, imediatamente no início do estudo.

Na parte do estudo empírico serão levantados e analisados dados de forma a cumprir outros quatro objetivos que aqui se destacam:

1. Identificar as representações e dinâmicas de poder nas relações de gênero em Ílhavo, na década de 1950, através dos jornais locais;
2. Compreender se as representações e dinâmicas de poder, no período a estudar, estão relacionadas com as diferenças e relações de gênero;
3. Identificar o papel das mulheres e analisar as representações sociais dos *media* (jornais locais) no que respeita à sua perceção de poder social em Ílhavo, na década a estudar;
4. Analisar e discutir os resultados da investigação empírica com vista à elaboração de conclusões e de propostas práticas, bem como abrir caminhos para futuras investigações.

Neste artigo procura-se, sobretudo, apresentar a estrutura da investigação em curso, anunciando o roteiro de decisões metodológicas (teóricas e práticas) que foram sendo admitidas. Será dada preponderância à resolução metodológica adotada para o levantamento e análise dos dados discursivos contidos no jornal *O Ilhavense* (periódico selecionado para este estudo).

2. QUADRO TEÓRICO E EPISTEMOLÓGICO DOS ESTUDOS CULTURAIS

A segunda metade do século XX ficou marcada pela entrada dos Estudos Culturais no meio académico, graças a uma reviravolta na ideologia cultural fruto do trabalho de teóricos como Raymond Williams, Richard Hoggart, Edward P. Thompson, Stuart Hall, Roland Barthes, entre outros. Os Estudos Culturais aproximaram as ciências sociais e as humanas, desenvolvendo as primeiras análises verdadeiramente culturais do mundo contemporâneo, e criando uma nova área interdisciplinar de estudos organizados em torno da cultura como conceito geral (Hall, 1997).

Inicialmente reconhecidos pelo seu interesse na análise da cultura popular e de massas, os Estudos Culturais facilmente se estenderam a outras áreas de estudo como, por exemplo, as análises do poder, da identidade, do discurso, das representações sociais e da posição das minorias (diferenças de gênero, raça e idade). A particularidade dos Estudos Culturais reside na sua intenção em analisar todas estas áreas de estudo dentro das práticas culturais inerentes ao contexto social, o que lhe concede um carácter multidisciplinar. Para tal, os Estudos Culturais utilizam dois modelos centrais de pesquisa que podem ser interpretados através da leitura de Johnson (1999): um que se centra nos estudos dos textos e na prática transformativa e crítica; e outro que assenta no estudo das culturas experienciadas associadas aos domínios da representação. Segundo Agger (1992) é possível afirmar mesmo que os Estudos Culturais auxiliam na interpretação e na transformação da cultura experienciada, enquanto procuram aproximar das massas populares um discurso mais técnico, sem com isso perder a sua argumentação teórica e o seu carácter científico.

Todas estas características atribuem flexibilidade aos Estudos Culturais, possibilitando que sejam criadas as condições necessárias para analisar e discutir qualquer texto, fenómeno, instituição ou prática, pelo que, o estudo da cultura se associa, indubitavelmente, ao da sociedade, ao da economia e ao da política. Desta forma, a maleabilidade das fronteiras espaço-temporais dos Estudos Culturais incentiva os projetos que se distanciam das propostas meta-discursivas tradicionalmente académicas.

Esta multiplicidade de abordagens teórico-práticas inerentes aos Estudos Culturais não implica que qualquer coisa possa ser Estudos Culturais. De acordo com Sardar e Van Loon (1998) existem, pelo menos, quatro aspetos que distinguem os Estudos Culturais: 1) a competência em expor e analisar as relações que existem entre as práticas socioculturais e o poder; 2) a capacidade de observar as práticas culturais dentro dos contextos sociopolíticos; 3) a habilidade de analisar e harmonizar a relação identitária entre o Eu e o Outro; 4) a aptidão para avaliar a ética social e apontar linhas críticas de ação. Estes aspetos centralizam-se em determinados conceitos, tais como o de poder, o de política, o de representação, o de mediação, o de diferença e o de identidade, que serão fundamentais na discussão académica dos Estudos Culturais, ao possibilitarem a abertura a novos paradigmas. Os Estudos Culturais são, portanto, detentores de “(...) uma permeabilidade, uma multiculturalidade e uma multidisciplinariedade que lhes conferem uma capacidade de comunicar vários sistemas, de forma a abarcar e a analisar várias temáticas de modo interrelacionado” (Maia & Baptista, 2013:104).

Efetivamente, no âmbito dos Estudos Culturais, a natureza das práticas históricas, socioculturais e políticas dos sujeitos é determinada por relações de poder, que são cada vez mais simbólicas e discursivas. Neste sentido, o poder é entendido como um exercício e não como uma propriedade (Foucault, 2010), pois a principal função do poder não é castigar ou punir, mas interligar os indivíduos numa espiral que implica um contrapoder. Os Estudos Culturais possuem, assim, um interesse particular nas relações de poder que circulam no quotidiano dos indivíduos, principalmente na forma como o poder se infiltra e se posiciona, contaminando e delimitando as atividades dos indivíduos, e destes com o contexto social. Este poder intervém através de micro operações relacionais que se encontram ao nível da comunicação, da linguagem e dos discursos (Foucault, 2006).

A partir da segunda metade do século XX, os *media* começam a ser encarados como um espaço de circulação de discursos de representação da sociedade, e têm-se revelado fundamentais na estruturação identitária dos sujeitos e na pesquisa das relações de poder. De facto, nos meios de comunicação é frequente a circulação de discursos que refletem e auxiliam a formação de escolhas identitárias, mas evidenciam-se, frequentemente, os discursos que representam a dualidade da identidade de género e validam o domínio masculino sobre o feminino. Segundo Pierre Bourdieu (1999), estes discursos têm fundamento histórico e, principalmente, simbólico, pois a dominação masculina e a divisão de género fixam-se na sexualidade e numa construção social dos corpos, que são validadas por mecanismos e instituições sociais como a Escola, o Estado e a Igreja.

Os discursos de género que circulam nos *media* devem ser considerados de acordo com a prática social e o contexto que representam, pelo que, quando são analisados, devem ter em atenção: as representações e as recontextualizações dessa mesma prática social; e as (re)construções identitárias associadas a aspetos (individuais ou sociais) da identidade, a papéis identitários e a determinados perfis³.

De acordo com Ceulemans e Fauconnier (1979) a tradicional dualização do conceito de género pode ser analisada, nos *media*, através de dois sentidos: a forma como os *media* projetam a imagem da mulher, e a participação efetiva da mulher na produção das mensagens que os *media* difundem. É esta a abordagem que se pretende ter no caso específico desta investigação, utilizando para isso o jornal *O Ilhavo*.

3. METODOLOGIA NOS ESTUDOS CULTURAIS

A investigação científica assenta em propostas metodológicas que validam o seu procedimento, orientam a pesquisa e, cumprindo um sistema normativo, apuram e relacionam técnicas, de forma a atingir os objetivos propostos, enquanto decorre o processo de confirmação científica. No caso da investigação em Estudos Culturais, o conceito de “metodologia” pode ser substituído pelo de “prática de investigação” (Johnson *et al*, 2004), por este possuir alguns dos procedimentos normalmente omitidos pela metodologia, como, por exemplo, a escolha do tema e o processo criativo da construção do estudo. Nesta investigação, a metodologia compreenderá toda uma prática de investigação, na medida em que discutirá não só os procedimentos metodológicos, como também as opções do investigador (questões e objetivos), e a política e a ética na pesquisa, o que implica questões de poder, responsabilização e construção subjetiva.

Em suma, nesta investigação, pode-se entender a metodologia como o “discurso do método” (Johnson *et al*, 2004:3), “objetivo”, mas simultaneamente enriquecido de “subjetividade” científica, na medida em que, no âmbito dos Estudos Culturais, a pesquisa metodológica é alocada a (e formada por) posições sociais e momentos históricos particulares. Efetivamente, é importante ter a perceção que as formações culturais e sociopolíticas em estudo fazem parte de um contexto social, espacial e temporal, pelo que se revela necessário fazer perguntas não apenas sobre teorias, objetivos e métodos, mas também sobre limitações, posições e potencialidades políticas.

A particularidade dos Estudos Culturais em relação à pesquisa metodológica prende-se ainda com a aceitação, e por vezes até com a necessidade, de uma multiplicidade de métodos. Segundo Johnson *et al* (2004), as opções metodológicas variam de acordo com a exploração de diferentes aspetos culturais de um mesmo processo, ultrapassando-se a questão da limitação que cada método possui quando utilizado singularmente. Em suma, e de acordo com Manuela Sanches (1999: 194), os Estudos Culturais “(...) não se definem por um método exclusivo, um objeto de estudo próprio, mas pela diversidade das abordagens e dos temas”.

³ O conceito de “perfil” é usado na medida em que se entende a identidade de género como uma performance e não como um atributo.

Paula Saukko, na sua obra *Pesquisar em Estudos Culturais* (2003) afirma que o âmago dos Estudos Culturais é a sua abordagem à pesquisa empírica, que procura interligar experiência vivida, textos (ou discursos) e contexto social. Esta abordagem permite que sejam selecionados os caminhos metodológicos que melhor se adaptam ao objeto de estudo. Desta posição nasce uma teoria metodológica multifacetada ou prismática que acaba por se afastar da teoria metodológica positivista (conhecida por aceitar apenas uma verdade). Assim, o que interliga a pluralidade de opções teórico-metodológicas dos Estudos Culturais (que, por vezes, chega a ser até contraditória) “(...) é a conceção da investigação como atividade crítica (...)” (Miranda, 2006: 234). É por todas estas características que os Estudos Culturais se apresentam como o modelo que melhor compreende como as análises, os valores, a metodologia e a política estão interligados, pelo que “(...) estão melhor colocados para agir em relação ao campo da cultura” (Couldry, 2000: 143).

A partir da segunda metade do século XX, começam a ganhar relevância os estudos relativos à produção e à receção dos meios de comunicação: os *media* passam a ser entendidos não apenas como meros veículos de informação, mas também como espaço de circulação de significados culturais representativos de determinados contextos sociais. A análise dos textos (ou discursos) dos *media* é, de facto, uma área de estudos que merece toda a atenção por parte dos Estudos Culturais, na medida em que implica, não apenas a análise dos procedimentos de produção e de receção de textos, mas também a crítica de processos socioculturais. Começam então a multiplicar-se: os estudos de interpretação textual, que tentam “(...) compreender o significado de um texto no que se refere aos contextos socio-cultural e histórico” (White, 1998: 60), tanto do lado do produtor dos textos, como do recetor; os estudos sobre a capacidade da audiência entender o significado do texto de acordo com o seu contexto; e os estudos relativos às problemáticas das relações de poder e de contrapoder.

4. OPÇÕES METODOLÓGICAS PARA A INVESTIGAÇÃO EM CURSO

4.1. ESTUDO EMPÍRICO

De forma a comprimir os passos essenciais na construção de um processo científico, procura-se, nesta investigação, uma proximidade com as normas de uma metodologia mista, pois só esta permite, a partir das premissas formuladas (com base na articulação entre teoria e estudo empírico) concluir a solução do problema. Este método caracteriza-se por tentar estabelecer um equilíbrio entre o método indutivo e o hipotético-dedutivo, por incentivar a racionalização de conceitos teóricos fundamentais, e por procurar, com o auxílio do estudo empírico, encontrar respostas para os objetivos da investigação.

Examinando o objeto em estudo e as leituras feitas no processo de contextualização teórica, é possível criar um modelo estratégico para fundamentar e justificar

o estudo empírico, baseado sobretudo na ideologia foucaultiana e na leitura de Nixon (1997). Segundo Nixon (1997), existem cinco pontos basilares para uma estratégia de análise num estudo empírico que se apoiam na conceção foucaultiana de discurso: formações discursivas, especificidade discursiva, operação do poder por meio de regimes discursivos, dimensão institucional dos discursos e produção discursiva da subjetividade.

Em relação às formações discursivas, a argumentação foucaultiana convida a perceber as regularidades que interligam diversas manifestações (afastando a centralidade em uma ou duas imagens) dos objeto em estudo; já em relação à especificidade discursiva, destaca-se a “(...) necessidade de estar atento aos códigos discursivos e convenções específicas através dos quais (...)” o objeto de estudo é significado dentro do material recolhido (Nixon, 1997:303). De seguida, é importante perceber as operações do poder dentro dos regimes discursivos, de forma a analisar as microrelações de poder existentes no contexto social em questão, ao mesmo tempo que se considera que os discursos em análise possuem uma dimensão institucional (discursos capazes de representar e de rotular determinadas práticas). Finalmente, é necessário ter em consideração a produção discursiva da subjetividade, tanto na observação e análise, como na produção do objeto do estudo empírico.

Assim, no caso específico desta investigação, encontra-se presente, numa primeira parte, uma exaustiva revisão de literatura que permite teorizar conceitos fundamentais para o estudo, enquanto numa segunda parte se realiza o estudo empírico, que conta com a recolha, apresentação, análise e discussão de dados. De forma a perceber como uma atividade específica⁴ altera uma determinada sociedade, num período de tempo particular, procura-se investigar as representações sociais e dinâmicas de poder nas relações de género em Ílhavo, na década de 1950, e procede-se à recolha de informação através da pesquisa da imprensa local. Os dados são recolhidos de acordo com critérios previamente estabelecidos (identificados igualmente através da revisão bibliográfica) e que respeitam as necessidades do estudo.

Posteriormente, os dados são meticulosamente distribuídos em grelhas e analisados através da técnica da análise de conteúdo, para que possam ser discutidos os resultados obtidos de forma a estudar aprofundadamente as temáticas em análise. Neste sentido, pretende-se perceber se a sociedade ilhavense da década de 1950 é representada ou não como matriarcal, sendo para isso avaliadas as representações sociais de género presentes nos jornais locais, bem como as dinâmicas de poder estabelecidas entre homens e mulheres.

4.2. METODOLOGIA QUALITATIVA

Nos estudos dos meios de comunicação têm sido utilizadas várias metodologias que procuram diferentes técnicas para medir os fenómenos sociais. Contudo, os investigadores sociais e humanistas reconhecem, atualmente, o valor interpretativo

⁴ Nomeadamente a pesca do bacalhau e outras atividades marítimas que conduzem à ausência dos elementos do sexo masculino, de Ílhavo, por longas temporadas.

dos métodos, pelo que dão preferência às metodologias qualitativas que “(...) são projetadas para explorar e avaliar coisas que não podem ser facilmente resumidas numericamente” (Priest, 1996:5). Destaca-se todavia a opinião de Isabel Guerra (2010) que defende que, apesar de existir uma clara rutura epistemológica, teórica e metodológica entre as metodologias indutiva e lógico-dedutiva, estas duas vertentes não devem ser consideradas, hoje, como opostas, na medida em que se influenciam e podem ser utilizadas em conjunto. No âmbito dos Estudos Culturais e, especialmente, dos estudos dos *media*, torna-se cada vez mais difícil não incluir modelos quantitativos nas análises qualitativas.

Quando se trabalha com uma metodologia que privilegia a análise das experiências e o significado da atividade social, é possível a utilização de formas de recolha, tratamento e análise de material muito diversas. Porém, tal como qualquer outra ciência que se socorre da lógica, do rigor e da coerência, a metodologia qualitativa atinge estas três características através da validade (interna e externa) e da fiabilidade das suas abordagens.

Quando se refere a validade interna, procura-se a exatidão dos resultados que são obtidos através da discussão teórica e da inclusão do sentido crítico do investigador. A validade externa da investigação qualitativa é atingida quando se discute se é possível ou não “generalizar” resultados, ou seja, se existe, por exemplo, algum tipo de representatividade sócio-simbólica ou se esta se encontra limitada de alguma forma. No que diz respeito à fiabilidade, os investigadores qualitativos admitem apenas uma noção restrita do conceito, ou seja, substitui-se a referência pela estabilidade dos resultados por uma referência à aplicabilidade extensiva (espácio-temporal) das ferramentas concetuais utilizadas numa dada investigação.

Ainda de acordo com Isabel Guerra (2010), existem três etapas fundamentais na realização de uma investigação qualitativa indutiva que podem ser discutidas e utilizadas neste estudo: 1) construção inicial do objeto; 2) segunda construção do objeto e papel da teoria; e 3) hipóteses.

A definição do objeto é uma problemática que não fica selada à partida e se prolonga no tempo: “(...) constrói-se progressivamente em contacto com o terreno a partir da interação com a recolha dos dados e a análise, não estando previsto um quadro teórico e um quadro de hipóteses estabelecidos *a priori*” (Guerra, 2010: 37). É nesta fase inicial que é elaborado um projeto que vai conter o primeiro modelo de abordagem empírica ao objeto de estudo, mas igualmente as primeiras leituras necessárias à sua interpretação teórica e epistemológica. De seguida, numa segunda fase, o objeto passa a ser construído já com o auxílio da contextualização teórica, surgindo a primeira formalização do problema, da questão e dos objetivos da investigação.

Em relação às hipóteses, Guerra (2010: 39) deixa bem claro que “para alguns autores, elas são dispensáveis e até contraditórias com a lógica da análise compreensiva; mas, para outros, isso só acontece na fase exploratória da pesquisa”. De facto, é perfeitamente aceitável que as hipóteses de investigação sejam substituídas por premissas ou objetivos (tal como acontece particularmente nesta investigação) de acordo com as especificidades do objeto de estudo e as opções do investigador.

Outro dos aspetos fundamentais a discutir na construção de um modelo qualitativo é o conceito de “amostragem”, visto que não se procura uma representatividade estatística. Assim, Guerra (2010) salienta que no lugar da “amostragem” devem ser considerados dois conceitos que vão garantir a “representatividade” e a “generalização” da análise: os conceitos de “diversidade” e de “saturação”.

Segundo a autora supracitada, a “diversidade” (que pode ser externa ou interna) implica a garantia de que a utilização do material para análise se faz tendo em consideração a heterogeneidade dos fenómenos que estão a ser estudados. A diversidade externa atinge-se com a multiplicidade de indivíduos ou situações no contexto social ou, no caso deste estudo, com a escolha de jornais variados para que a “amostra” seja constituída a partir de uma diversificação de elementos. A diversidade interna tem um intuito teórico diferente e aplica-se quando o investigador procura “(...) explorar a diversidade de um conjunto homogéneo de sujeitos ou situações” (Guerra, 2010:41), pelo que é necessário ter uma variedade interna de um determinado grupo ou situação.

A função da “saturação” é a de indicar ao investigador quando deve parar a coleta de dados, ao mesmo tempo que permite generalizar os resultados da pesquisa ao universo analisado. Deste modo, os conceitos de “diversidade” e de “saturação” auxiliam na definição da “amostra” que fará parte do estudo, “amostra” esta que, nesta investigação foi denominada especificamente de “amostra teórica”⁵.

Contudo, é fundamental referir que a quantidade e a variabilidade de material que se deve recolher e analisar numa investigação qualitativa estão dependentes de inúmeros fatores, dos quais se destacam, nesta investigação: o tipo de objeto de estudo, os objetivos da investigação, as limitações do estudo, os recursos disponíveis e as próprias opções do investigador. Os dados que se recolhem num estudo qualitativo não são somados, mas interpretados.

É por todas as razões citadas que a metodologia qualitativa, que se envolve com os significados e as interpretações do mundo social, se revela importantíssima para os Estudos Culturais e, particularmente, para os estudos dos *media*. As abordagens qualitativas permitem investigar como as audiências entendem os discursos dos *media* ou, no caso particular deste estudo, como os *media* representam os sujeitos e o contexto sociocultural em que se inserem.

4.3. A TÉCNICA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Este estudo visa recolher e analisar discursos de género contidos num jornal local de forma a compreender como estes são constitutivos e representativos da realidade social. Portanto, esta investigação procura identificar que tipo de ações estão relacionadas com as relações discursivas presentes neste jornal, quais os objetivos que estão na base destes textos, que tipo de relações de poder circulam entre

⁵ O conceito de “amostra teórica” contrasta com o de “amostra aleatória” regularmente adotada pelos estudos quantitativos.

os géneros e quais as formas de resistência que se verificam. Para colocar em prática estas premissas, toma-se como opção o uso da técnica qualitativa da análise de conteúdo, que se releva como a forma mais indicada para estudos de textos mediáticos, de forma sistemática, objetiva e interpretativa.

Segundo Laurence Bardin, na sua obra *Análise de Conteúdo* (1991), apesar da análise de conteúdo ter surgido no seio da hermenêutica, da retórica e da lógica, o seu grande salto metodológico deve muito ao estudo das comunicações e à semiótica. A análise de conteúdo revela-se um instrumento bastante eficaz para a análise das comunicações ou dos discursos, pois permite alcançar, através de várias formas e métodos, os sentidos latentes das mensagens, em diversos domínios (escrito, oral e icónico). É esta posição que leva Bardin (1991:9) a afirmar que, atualmente, a análise de conteúdo é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (...) extremamente diversificados.” De forma sintética, a análise de conteúdo não deve significar “contar” ou “medir”, mas sim interpretar e compreender práticas e experiências, através da construção de significados.

Para Bardin (1991) é possível designar-se, de um modo geral, o conceito de análise de conteúdo como um misto de técnicas de análise das comunicações, que atribui liberdade de escolha científica ao investigador. O tratamento dos dados e, naturalmente, do conteúdo da informação, varia de acordo com a pesquisa, o material recolhido, os objetivos do estudo e as necessidades ou limitações do investigador. Contudo, existem algumas linhas generalistas que podem ser utilizadas no decurso de uma análise deste tipo.

A interpretação do que representa a análise de conteúdo e a sua estruturação metodológica encontra-se bem esquematizada nos trabalhos de Bardin (1991) e de Guerra (2010), pelo que estes servem de inspiração para esta investigação. Segundo as autoras, existem várias fases e diferentes tipos de análise de conteúdo que auxiliam na aplicação desta técnica e que são igualmente consideradas neste estudo, na medida em que a aplicação da análise de conteúdo respeita quatro etapas essenciais: 1) análise prévia; 2) exploração dos dados; 3) tratamento e interpretação dos dados; e 4) discussão e divulgação dos dados.

Na fase da análise prévia dá-se o primeiro contacto com o material, fotografando-se todos os exemplares impressos que se pretende incluir no estudo. Esta primeira abordagem permite selecionar os textos a serem submetidos à análise, bem como a projetar o desenho das unidades, dos indicadores e das categorias. É nesta fase que fica delineado o recorte da amostra teórica com base em quatro normas que são sugeridas por Bardin (1991): exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Na segunda fase, o material recolhido é explorado, de forma a delimitar estratégias e a reajustar objetivos, circunscrevendo a estrutura da análise. Esta fase permite excluir, nesta investigação, alguns dos procedimentos, e incluir outros. As primeira e segunda fases condensam e organizam a informação e servem de suporte para a terceira fase.

Na terceira fase da análise de conteúdo realizada neste estudo, os dados são tratados e validados. É neste momento que a investigadora começa a interrogar-se sobre os fenómenos sociais, inferindo e interpretando o sentido social latente do material. Neste momento do processo é preciso ter sempre em consideração que o material empírico e a teoria interrelacionam-se e comunicam constantemente. Ultrapassada esta fase, os dados são discutidos e são retiradas as primeiras conclusões do estudo. Esta é a quarta e última fase da análise de conteúdo, aquela que encerra o verdadeiro objetivo da investigação e sugere rumos futuros.

4.4. CONTEXTO ESPÁCIO-TEMPORAL: ÍLHAVO E O ILHAVENSE

A seleção de Ílhavo para este estudo prende-se com o facto de esta vila possuir uma composição social peculiar, marcada pela discussão de género, que reconhece o papel fundamental da mulher no decurso da vida quotidiana. Esta situação é fruto de uma herança histórica, fortemente marcada pela ausência de grande parte da população masculina, que embarcava, por longos períodos de tempo, nas campanhas da pesca do bacalhau. Segundo Elsa Peralta (2008:166), Ílhavo é recorrentemente identificada como “terra do matriarcado”, pelos ilhavenses e pelas localidades próximas, o que assinala “(...) a predominância do papel da mulher na comunidade”.

Esta conjectura afetava as vivências sociais de Ílhavo, pelo que, de acordo com Nuno Costa (2008:78), “cabia às mulheres a responsabilidade pela estabilidade familiar, pela educação dos filhos e pelo controlo do orçamento familiar”. A marcada divisão sexual do trabalho, o papel fulcral da mulher na gestão económica da família e a sua função na reprodução de valores sociais conduziu, segundo com Peralta (2008), a um discurso comunitário de diferenciação de género que romantizou as qualidades físicas e morais das mulheres ilhavenses.

Toda esta discussão questiona a posição que as mulheres ilhavenses tomavam tanto no contexto privado, como no público, sobretudo na década de 1950 (período mais representativo desta realidade e que potencializa a condição social da mulher). Uma forma de encontrar resposta para as questões acima colocadas é proceder à análise dos discursos sociais que proliferavam na época, particularmente no que diz respeito às representações do género feminino. Deste modo, revela-se indispensável o estudo das representações presentes nos meios de comunicação mais relevantes, influentes e abrangentes da época: os jornais – testemunhos de uma vivência, vozes da “realidade” e construtores de discursos.

A escolha do jornal *O Ilhavense* como fonte de informação prende-se com duas questões fundamentais: em primeiro lugar os jornais são detentores e distribuidores de discursos que circulam na sociedade; em segundo lugar este jornal específico é particularmente representativo da sociedade em estudo, de tal forma que Elsa Peralta (2010:451) considerou *O Ilhavense* “(...) a voz pública mais ativa ao serviço da construção da tradição local (...)”.

4.5. CONSTRUÇÃO DO CORPO DA ANÁLISE: DEFINIÇÃO DA “AMOSTRA TEÓRICA” E APRESENTAÇÃO GERAL DOS DADOS

Para este estudo, serão analisados os números do jornal *O Ilhavense* correspondentes à década de 1950⁶, sem recurso a programas informáticos de análise de dados. Os números dos jornais foram selecionados alternadamente – 1950, 1951, 1954, 1955, 1958 e 1959 – de forma a garantirem a representatividade, a diversidade e a saturação da informação. Este levantamento reúne todos os textos, num total de 10104 peças escritas. As peças recolhidas são representativas de quatro grandes temas/questões do estudo: “textos escritos por mulheres”, “textos escritos para mulheres”, “textos sobre mulheres” e “textos que fazem referência a mulheres”. Há ainda um quinto assunto, o qual se apelida de “outros”, e para o qual são remetidas todas as referências que não se incluam nas quatro dimensões anteriormente referidas⁷.

Neste processo de análise da imprensa local são consideradas diferentes categorias e níveis de categoria, adaptados ao estudo, e que ajudam a descrever, distribuir, esquematizar e interpretar o material e, conseqüentemente, os sentidos dos discursos. São estas categorias que auxiliam na construção mental daquilo a que Guerra (2010:85) apelidou de “ideais-tipo” e que são “(...) organizações simplificadas resultantes da observação sistemática do real”, ou construções interpretativas da realidade. Estas categorias, criadas com base nos textos em análise, são também (re)validadas na teoria pela revisão de literatura. Assim, todos os textos do jornal *O Ilhavense* (em seis anos da década de 1950) serão analisados segundo as categorias: “página”, “dimensão”, “relevância”, “tipo de texto”, “autoria”, “recurso a referências”, “tipo de tema”, “sentido do discurso”, “hierarquia”, “tipo de linguagem” e “mulher de Ílhavo”.

Nas categorias “página”, “dimensão” e “relevância”, serão anotados aspetos relativos à estrutura do texto em análise, ou seja, em que página se encontra, qual a dimensão que possui (ex.: ½ página; uma página inteira, etc.) e qual o espaço que ocupa na página (ex.: se o texto se encontra ao centro da página ou no topo, etc.). De seguida, o texto será identificado de acordo com o seu “tipo” e que pode ser: “entrevista”, “reportagem”, “notícia”, “nota breve”, “estatística”, “conto”, “poema”, “crónica poética”, “anúncio”, “informação pública/aviso”, “denúncia”, “agradecimento”, “entretenimento/quebra-cabeças”, “carta”, “oráculo” ou “outro”.

Com a categoria “autoria” pretende-se identificar o autor do texto, mediante assinatura. Sempre que o texto é assinado identifica-se o gênero e o nome do autor/da autora; quando o texto não está assinado assume-se a responsabilidade do jornal, pelo que serão considerados textos escritos por homens⁸. Uma sexta categoria – “recurso a referências” – pretende registar quando é identificada a referência a mulheres, descrevendo essa mesma referência. Este é o momento que prevê uma

⁶ Apesar do crescimento da atividade e da frota bacalhoeira ser constante entre 1934 e meados da década de 1960, o auge da “Campanha do Bacalhau” dá-se por volta da década de 1950 (Garrido, 2001).

⁷ O assunto “outros” tem uma função meramente numérica, na medida em que não serão analisados os dados a ele referentes por não se inscreverem no âmbito deste estudo. Por defeito, este assunto incluirá todos os textos que não possuam qualquer presença feminina.

⁸ Tomou-se esta opção visto que o jornal é dirigido e editado por um homem: José Pereira Teles.

descrição mais pormenorizada do texto, completada por excertos, que depois facilitam o processo de análise.

O “tipo de tema” refere-se, como o próprio nome indica, ao tema que envolve o texto em análise e que, por exemplo, pode ser “literatura”, “casamento/família”, “morte/luto”, “religião”, entre outros⁹. Ressalva-se que, em alguns momentos, se poderá detectar, no mesmo texto, mais do que um tema, pelo que se irá considerar apenas um – aquele tema mais preponderante para a interpretação do respetivo texto.

A análise prevê também a identificação do “sentido do discurso” presente nos textos selecionados e que pode ser “crítico”, “laudatório”, “neutro” e “misto” (quando se tratar de um texto representativo, simultaneamente, dos dois primeiros sentidos indicados). Aqui importa salientar que se trata de uma visão global do sentido do discurso presente no texto, e não apenas das partes em que se refere especificamente a mulheres.

No caso da “hierarquia”, pretende-se identificar, através da leitura dos textos, qualquer tipo direto de hierarquia social (se há ou não uma clara estratificação de classe social nos textos) ou de género (se há ou não uma clara estratificação, tanto do género masculino como do feminino, nos textos). O “tipo de linguagem” é outra das dimensões a ser considerada, na medida em que a linguagem identificada nos textos pode ser “conotativa” ou “denotativa”. Finalmente, com a dimensão “mulher de Ílhavo”, procura-se questionar qual a origem das autoras dos textos.

Haverá ainda a preocupação em levantar e identificar todas as imagens presentes nos números destes jornais. Em cada imagem será identificada a página em que esta se insere, a dimensão da mesma, a relevância (local da página em que a imagem se insere), o tema que representa, a legenda e uma breve descrição da imagem (com a preocupação de identificar se se encontram representações icónicas de mulheres).

5. CONCLUSÃO

Depois de decorrido este processo, restará analisar e discutir profundamente os dados, responder à questão de investigação e debater os objetivos propostos inicialmente. É nesta fase que serão realizadas as descobertas qualitativas científicas, mas é igualmente durante este processo que serão feitos os ajustes necessários, na medida em que só embrenhando na análise é possível perceber de facto o *corpus* com que se trabalha.

É importante perceber que a maior vantagem da análise de conteúdo reside na sua capacidade de adaptabilidade ao objeto de estudo, o que incute um elevado grau de liberdade nas escolhas do investigador. Durante a execução de um estudo qualitativo, o papel e as opções do investigador são cruciais, pois é ele quem delimita

⁹ Neste estudo foram identificados 26 “tipos de tema”: “trabalho/profissional”, “vida doméstica”, “lazer/tempos livres”, “sexualidade”, “religião”, “casamento/família”, “estudos/educação”, “morte/luto”, “infância”, “assistência aos outros”, “política/economia”, “violência/vitimização”, “saúde/beleza”, “desporto”, “justiça/tribunais”, “vida militar”, “artes e espetáculos”, “associativismo”, “literatura”, “negócios/comércio”, “aniversários/acontecimentos de relevo”, “terceira idade”, “vida marítima”, “emigração”, “história local” e “outro”.

o objeto, as categorias, as codificações e as interpretações, daí o carácter “subjetivo” que se atribui à técnica da análise de conteúdo. Contudo, nesta investigação, tal como se revela necessário em qualquer pesquisa qualitativa, procura-se obedecer a algumas regras que aumentem a validade e a fidelidade do estudo: procura-se executar uma pesquisa exaustiva, pertinente e homogénea, que atinja um grau relevante de consistência argumentativa interna.

Cumprido todo o processo de análise, se este estudo garantir a diversidade (externa e interna) e saturar a informação, os riscos implícitos nos processos de generalização são semelhantes aos de qualquer outra investigação. Todavia, é necessário ter em consideração que “(...) qualquer pesquisa é sempre parcelar e provisória, (...) porque as dinâmicas sociais mudam no espaço e no tempo (...)” (Guerra, 2010: 86).

Para finalizar, esta investigação deve discutir detalhadamente, teórica e empiricamente, todos os resultados, apresentando conclusões e dando orientações para novos caminhos de análise. Esta é a última fase do processo de análise de conteúdo, que se resume ao fecho do relatório científico, e que tem como objetivo máximo a divulgação pública dos resultados de investigação, contribuindo assim para o aumento da capacidade de compreensão dos fenómenos estudados.

FINANCIAMENTO

Este artigo é representativo de uma parte da investigação de doutoramento em Estudos Culturais, que decorre sob a temática *Representações sociais e dinâmicas de poder nas relações de género em Ílhavo, nas décadas de 1950*, e que é financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no domínio das Ciências da Comunicação e Informação (SFRH/BD/81068/2011).



REFERÊNCIAS

- Agger, B. (1992) *Cultural Studies as Critical Theory*, London: Falmer Press.
- Bardin, L. (1991) *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Edições 70.
- Bourdieu, P. (1999) *A Dominação Masculina*, Oeiras: Celta Editora.
- Cerqueira, C. (2012) *Quando Elas (não) São Notícia: Mudanças, Persistências e Reconfigurações na Cobertura Jornalística sobre o Dia Internacional da Mulher em Portugal (1975-2007)*, Ciências da Comunicação, especialidade de Sociologia da Comunicação. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. Doutoramento: 570.
- Ceulemans, M. & Fauconnier, G. (1979) *Image, Rôle et Condition Sociale de la Femme dans les Médias: Recueil et Analyse des Documents de Recherche*, Paris: Office des Publications de l'Unesco, nº 84. [disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001343/134357fo.pdf>, acedido em 28/02/2011].

- Costa, N. (2008) *Mulheres de Bacalhoeiros: Sazonalidade e Género (1950-1974)*, Museologia: Conteúdos Expositivos. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Departamento de História. Mestrado: 117.
- Couldry, N. (2000) *Inside Culture: Re-imagining the Method of Cultural Studies*, London: Sage.
- Foucault, M. (2006) *Estratégia, Poder-Saber*. Organização de Manoel Motta, 2ª ed, Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- Foucault, M. (2010) *Microfísica do Poder*, Com organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado, São Paulo: Graal.
- Garrido, Á. (coord.) (2001) *A Pesca do Bacalhau: História e Memória*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Guerra, I. (2010) *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e Formas de Uso*, Cascais: Príncipe Editora.
- Hall, S. (1997) 'A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo' in Thompson, K. (org.) (1997) *Media and Cultural Regulation*, London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications.
- Johnson, R. (1999) 'O que é, afinal, Estudos Culturais' in Johnson, et al (1999) *O Que É, Afinal, Estudos Culturais?*, Belo Horizonte: Autêntica, 7-131.
- Johnson, R. et al (2004) *The Practice of Cultural Studies*, London: Sage.
- Maia, S. & Baptista, M. (2013) 'As fronteiras da identidade de género no mundo pós-moderno', in *Revista Cadernos do CEOM*, nº37, UNOCHAPECÓ, Chapecó – SP, Brasil.
- Miranda, R. (2006) 'Estudios clásicos y estudios culturales: investigación, problemas y perspectivas', in *Circe*, 10: 229-245.
- Nixon, S. (1997) "Exhibiting masculinity", in Hall, S. (ed) (1997), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*, Col: Culture, Media and Identities, London: Sage, 291-336.
- Peralta, E. (2008) *A Memória do Mar: Património, Tradição e (Re)imaginação Identitária na Contemporaneidade*, Lisboa: Universidade Técnica, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Peralta, E. (2010) '«Somos todos marítimos»: uma etnografia das (in)visibilidades do poder na representação social do passado local em Ílhavo', in *Etnográfica*, 14 (3): 443-464.
- Priest, S. (1996) *Doing Media Research: An Introduction*, Thousand Oaks: Sage Publications.
- Sanches, M. (1999) 'Nas margens: os estudos culturais e o assalto às fronteiras académicas e disciplinares', in *Etnográfica*, vol. III (1): 193-210.
- Sardar, Z. & Van Loon, B. (1998) *Introducing Cultural Studies*, New York: Totem Books.
- Saukko, P. (2003) *Doing Research in Cultural Studies: An Introduction to Classical and New Methodological Approaches*, London: Sage.
- Veyne, P. (2009) *Foucault: O Pensamento, a Pessoa*. Coleção Pilares, Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- White, R. (1998) 'Receção: a abordagem dos Estudos Culturais' in *Comunicação & Educação*, S. Paulo, (12): 57-76.